



27 DE ABRIL DE 2015

Segunda-feira

- INSTITUTO ATUAÇÃO QUER TRANSFORMAR CURITIBA EM MODELO DEMOCRÁTICO
- RENAN DIZ QUE NÃO VAI 'ENGAVETAR' PROJETO, NEM POLEMIZAR COM EDUARDO CUNHA
- VALE ESCOLHE BARCLAYS PARA ASSESSORAR VENDA DE ATIVOS NA AUSTRÁLIA, DIZEM FONTES
- CONFIANÇA DO CONSUMIDOR SOBE 3,3% EM ABRIL E INTERROMPE 3 MESES DE QUEDAS
- COM DÓLAR ALTO, TENDÊNCIA É AUMENTO DO TURISMO DOMÉSTICO
- NÍVEL DO CANTAREIRA FICA ESTÁVEL PELO SEXTO DIA CONSECUTIVO
- MERCADO DE CRÉDITO CRESCE EM RITMO ESTÁVEL, REGISTRA BC
- SUL-COREANA FECHA PARCERIA PARA INSTALAR FÁBRICA NO RS
- VALE A PENA ASSUMIR RISCOS NA HORA DE INVESTIR?
- MAIS EMPRESAS ADEREM AO FESTIVAL DO CONSORCIADO CONTEMPLADO
- EFICIÊNCIA ENERGÉTICA SERÁ PESADELO DA INDÚSTRIA
- AUTOPEÇAS: DÉFICIT COMERCIAL PERSISTE NO PAÍS
- IVECO ENTREGA 21 CHASSIS DE ÔNIBUS PARA A TRANSCAL
- TERCEIRIZAÇÃO DO TRABALHO SERÁ TEMA DO FÓRUM DE RH
- SCANIA APURA LUCRO LÍQUIDO 9% MAIOR NO 1º TRIMESTRE
- RENAULT VENDE 641,6 MIL VEÍCULOS NO 1º TRIMESTRE
- ANEEL PROMOVE LEILÃO DE FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA NA 2ª
- MINÉRIO DE FERRO NA CHINA SOBE E TEM MAIOR NÍVEL EM 1 MÊS
- SEIS INDÚSTRIAS ANUNCIAM INVESTIMENTOS EM SOROCABA
- TUNGALOY INSTALA NOVA FÁBRICA NO JAPÃO

- HYUNDAI MANTÉM OPERAÇÃO EM TRÊS TURNOS EM PIRACICABA
- SETOR DE FERRAMENTAS REGISTRA FORTE AUMENTO DE CUSTOS
- FPT INDUSTRIAL INVESTE EM NOVOS PRODUTOS
- TERCEIRIZAÇÃO ENTRA NA GUERRA DE VAIDADES
- MERCADO FINANCEIRO ESTIMA INFLAÇÃO DE 8,25% ATÉ O FIM DO ANO
- ALTA DE PREÇOS DE MATERIAIS FAZ ÍNDICE DE CUSTO DA CONSTRUÇÃO SUBIR 0,65%
- PROTESTO DE CAMINHONEIROS ENTRA NO QUINTO DIA EM APENAS DOIS ESTADOS
- MÁQUINAS PARADAS EM SIDERÚRGICA DE MARABÁ (PA) PREOCUPAM SETOR
- ASSOCIAÇÕES DA AMÉRICA E DA EUROPA APRESENTAM UM DOCUMENTO CRÍTICO DA "NOVA" POLÍTICA SIDERÚRGICA CHINESA
- APÓS CRISE NA CÚPULA, VOLKSWAGEN ENCARA DESAFIOS

CÂMBIO EM 27/04/2015		
	Compra	Venda
Dólar	2,942	2,943
Euro	3,189	3,191

Fonte: BACEN

Instituto Atuação quer transformar Curitiba em modelo democrático

27/04/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O Instituto Atuação, organização do terceiro setor que promove mecanismos de articulação política e participação cidadã para desenvolvimento da democracia, vai avaliar, em parceria com a revista britânica *The Economist*, o nível de democracia de Curitiba, com foco em participação e transparência pública.

A ideia é criar subsídios para melhoria desse índice, com o objetivo de transformar a capital em modelo de democracia para o Brasil em cinco anos.

O contrato com a The Economist Intelligence Unit (EIU) foi fechado na semana passada e o primeiro passo do projeto é elaborar uma metodologia para o levantamento, com base teórica, indicadores a serem coletados, perguntas e entrevistas a realizar e categorias a

serem medidas. A EIU é a melhor Think Tank – organização que produz conhecimento em diversas áreas, com vistas a transformações sociais e políticas – com fins lucrativos do mundo.

A base do levantamento em Curitiba vai partir da análise de um estudo já feito pela EIU: o Índice de Democracia, que examina anualmente a situação democrática em 167 países. No último ranking, de 2014, o Brasil ocupa a 44.^a posição, com 7,38 pontos.

Para elaboração do índice, a EIU avalia cinco critérios: processo eleitoral e pluralismo, funcionamento do governo, participação política, cultura política e liberdades civis, com notas de 0 a 10.

Segundo Jamil Assis, um dos integrantes do Instituto Atuação, a intenção é incrementar outros critérios “locais” à metodologia do estudo, como associativismo e participação em comunidades. “Uma democracia plena, completa e madura, depende muito da participação popular”, diz.

Fases

A partir da elaboração da metodologia para estruturação do índice e da avaliação do nível democrático de Curitiba – fases que devem ser finalizadas até novembro –, o Instituto Atuação pretende desenvolver ações para melhoria dos indicadores, por meio do projeto Cidade Modelo.

A intenção é transformar a capital na cidade mais transparente e participativa do Brasil em cinco anos, de maneira que as ações possam ser reproduzidas em outras localidades.

“A partir de um regime mais democrático, a economia floresce e os aspectos sociais de uma localidade ficam mais equilibrados”, aponta Assis. A ideia é levar o projeto para outras cidades, por meio de parcerias com instituições privadas e do terceiro setor.

Renan diz que não vai 'engavetar' projeto, nem polemizar com Eduardo Cunha

27/04/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Em meio a um embate sobre o projeto que regulamenta a **terceirização**, o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), divulgou nota, nesta sexta-feira, afirmando que não vai polemizar com o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

Ele diz, no documento, que não vai engavetar nenhum projeto, mas reitera críticas à terceirização de atividades-fim (as principais em uma empresa), aprovada pela Câmara, e reafirma que o assunto será debatido “criteriosamente” no Senado.

“Não vou polemizar com o Presidente da Câmara dos Deputados. Tal controvérsia só interessa àqueles que não querem o fortalecimento e a independência do Congresso Nacional, àqueles que têm horror ao ativismo parlamentar”, diz a nota assinada pelo presidente do Senado.

Depois que Renan disse não ter pressa para votar o projeto da terceirização, Cunha reagiu dizendo que dará tratamento igual a matérias de interesse do Senado. Na nota divulgada nesta sexta-feira, Renan afirma que já há “inúmeras” propostas do Senado paradas na Câmara, o que contraria, segundo ele, interesses da sociedade.

“Não há nenhuma matéria importante oriunda da Câmara dos Deputados que não tenha sido apreciada pelo Senado Federal. Dentre as inúmeras proposições do Senado Federal, paralisadas na Câmara dos Deputados, está o Código do Usuário do Serviço Público. Uma

exigência da sociedade que, além das dificuldades econômicas, é obrigada a conviver com falência dos serviços públicos”, diz o documento.

Nesta quinta-feira (23), o presidente do Senado afirmou que a terceirização de atividades-fim é uma “pedalada” no direito do trabalhador. Como a palavra final sobre o assunto será dos deputados, já que a proposta volta para aquela Casa se forem feitas alterações no texto, Renan afirmou que o Senado não tem pressa para votar esse projeto e lembrou que a tramitação na Câmara durou 12 anos.

“Em face de alguns noticiários no dia de hoje (24), reafirmo que o Senado Federal não vai engavetar nenhum projeto porque não pode sonegar o debate de qualquer tema.

Quanto ao projeto que ampliou a terceirização da mão de obra, vamos discuti-lo criteriosamente, envolvendo todos os interessados na regulamentação, principalmente os trabalhadores, referências inafastáveis e prioritárias na discussão”, disse o presidente do Senado, na nota divulgada nesta sexta-feira.

Aliados de Renan afirmaram que o projeto da terceirização vai passar por quatro comissões antes de ir a plenário: Comissão de Direitos Humanos, Comissão de Assuntos Sociais, Comissão de Assuntos Econômicos e Comissão de Constituição e Justiça. Segundo esses aliados, a intenção de Renan é segurar a proposta no Senado pelos próximos dois anos, quanto acaba o mandato de Cunha na presidência da Câmara.

Debate sobre projeto de terceirização não pode ser açodado, diz Manoel Dias

Em meio à queda de braço entre o presidente do Senado e o presidente da Câmara dos Deputados, envolvendo o projeto de terceirização da mão de obra no País, o ministro do Trabalho, Manoel Dias, pediu nesta sexta-feira, 24, que o texto não seja discutido de forma “açodada” no Senado.

Para o ministro, o projeto que foi aprovado na Câmara precisa ser mudado para evitar ações judiciais. “Da forma como foi aprovado na Câmara, não representa segurança nem para o trabalhador, nem para as empresas”, disse o ministro à reportagem, após almoço no Itamaraty em homenagem à presidente da Coreia do Sul Park Geun-hye.

Dias afirmou que Renan Calheiros terá a chance de aprofundar o debate. “O Senado tem a oportunidade de fazer com clareza para não correremos o risco de judicializar”, enfatizou.

O ministro ressaltou que a terceirização precisa ser regulamentada no País, mas a preocupação do governo é com a precarização do trabalho. “O debate não pode ser açodado e não pode haver precarização do trabalho”, defendeu.

Vale escolhe Barclays para assessorar venda de ativos na Austrália, dizem fontes

27/04/2015 - Fonte: Reuters

A Vale escolheu o Barclays para assessorá-la na venda de alguns ou todos os seus ativos de carvão na Austrália, disseram duas fontes próximas do tema nesta segunda-feira, em um momento em que a companhia busca levantar dinheiro para superar a derrocada do preço das commodities.

A empresa precisa de capital para continuar desenvolvendo uma mina de minério de ferro gigante na Amazônia, após seus resultados serem afetados pela queda de preços da maioria de seus produtos mais importantes, liderada pelos do minério de ferro.

"O presidente-executivo está orientado para o Brasil, então eles podem vender tudo. Eles têm exposição mínima (na Austrália)", disse uma das fontes, se recusando a ser identificada já que o assunto ainda é privado.

Murilo Ferreira foi nomeado presidente-executivo da Vale em maio de 2011. Seu antecessor, Roger Agnelli, era focado em expansão fora do Brasil.

Os ativos de carvão da Vale na Austrália incluem a mina Carborough Downs e os projetos Belvedere e Eagle Downs em Queensland.

A Vale é também controladora da mina Integra em New South Wales e dona de 50 por cento da mina Isaac Plains em Queensland, ambas nas quais declarou "care and maintenance" devido à queda dos preços de carvão.

Porta-vozes da Vale na Austrália, sede das operações globais de carvão da empresa, não responderam telefonemas ou e-mails nesta segunda-feira.

A Vale vendeu no ano passado uma fatia em seu projeto de carvão em Moçambique para a japonesa Mitsui por 763 milhões de dólares.

Confiança do consumidor sobe 3,3% em abril e interrompe 3 meses de quedas

27/04/2015 - Fonte: Reuters

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) subiu 3,3 por cento em abril e interrompeu três meses seguidos de quedas, mas o primeiro resultado positivo do ano ainda é insuficiente para apontar uma mudança na tendência, de acordo com a Fundação Getulio Vargas.

Segundo os números divulgados nesta segunda-feira pela FGV, o índice atingiu 85,6 pontos neste mês ante 82,9 pontos em março, quando havia recuado 2,9 por cento. Nos três primeiros meses do ano, o ICC acumulou perdas de 13,8 por cento, de acordo com a FGV.

"A primeira alta do ICC no ano é uma boa notícia, mas insuficiente para se caracterizar como uma mudança de tendência. A média móvel trimestral do índice continua em queda e o avanço de abril atingiu apenas duas das quatro faixas de renda monitoradas", destacou o superintendente adjunto para ciclos econômicos da FGV/IBRE, Aloisio Campelo Jr, em nota.

O resultado de abril decorre tanto da melhora da satisfação com a situação atual quanto das expectativas em relação aos próximos meses.

O Índice da Situação Atual (ISA) subiu 3,3 por cento em abril, atingindo 80,3 pontos. Por sua vez, o Índice de Expectativas avançou 2,7 por cento, para 88,1 pontos.

A baixa confiança tanto dos consumidores quanto do empresariado tem sido um dos pontos fracos da economia brasileira, e sua recuperação umas das principais metas da equipe econômica.

Com dólar alto, tendência é aumento do turismo doméstico

27/04/2015 - Fonte: Reuters

Com o dólar caro, há uma tendência de aumento do interesse dos brasileiros por viagens domésticas. A valorização da moeda norte-americana dá também maior competitividade ao turismo para estrangeiros.

Entidades do setor de turismo confirmam o cenário positivo, mas argumentam que os custos para operar impedem o barateamento dos pacotes, e que não há divulgação suficiente do Brasil no exterior.

No primeiro trimestre deste ano, a cotação do dólar encostou em R\$ 3,30. Do fim de março para cá, a moeda devolveu parte da alta, mas permanece cotada perto de R\$ 3. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (Abih), Enrico Fermi, afirma que a maior procura por destinos nacionais foi registrada em dezembro de 2014 e nos três primeiros meses deste ano.

"Há tendência de migrarem para o turismo interno. Nossa taxa de ocupação cresceu. Na cidade de Natal, tivemos aumento de 14% na ocupação em relação a outros anos", exemplifica. Ele ressalta que a valorização do dólar torna o Brasil mais atraente para o turista estrangeiro.

"O poder de compra dele aumenta. Mas a carga tributária alta impede que o Brasil ofereça preços mais baixos. Hoje, o Caribe tem os melhores preços [para estrangeiros]", informa. O vice-presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagem de São Paulo (Abav-SP), Edmar Bull, acredita que o dólar mais alto será positivo para o turismo doméstico este ano.

Ele destaca que a modalidade será impulsionada ainda pelo grande número de feriados curtos. "Isso ajuda muito os destinos domésticos", frisa.

Na Abav nacional, a expectativa é que as viagens internacionais dos brasileiros fiquem estáveis e as viagens internas cresçam 5% em 2015 em relação a 2014. Na avaliação de Leonel Rossi, vice-presidente de Relações Internacionais da entidade, o crescimento do movimento doméstico não deve ocorrer isoladamente em função do dólar mais caro.

Segundo Rossi, tanto o turismo interno quanto o internacional têm muita margem para crescer.

"São 7 milhões de turistas internacionais e 45 milhões de turistas domésticos por ano, em uma população de mais de 200 milhões de pessoas. As duas [modalidades de turismo] estarão sempre crescendo. Nos últimos três anos, 13 companhias aéreas internacionais vieram para o Brasil. O crescimento do turismo é irreversível", diz ele, que defende mais investimentos para o setor.

"O dinheiro que temos para promover o Brasil no exterior é pouco. Após a Copa do Mundo, devíamos ter aproveitado para fazer um *marketing* pesado, mas não houve verba para isso. Agora, o dólar mais alto facilitou que o turista estrangeiro venha para cá, mas tem que mostrar o Brasil para o mundo", ressalta.

Dados do Banco Central mostram que, no primeiro trimestre de 2015, os gastos de estrangeiros no Brasil cresceram 2,81%, de US\$ 533 milhões para US\$ 548 milhões. Para Leonel Rossi, o crescimento é pequeno, ficando aquém do potencial do país como destino turístico.

Nível do Cantareira fica estável pelo sexto dia consecutivo

27/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

O nível do Sistema Cantareira ficou estável pelo sexto dia consecutivo neste domingo (26). O volume armazenado está em 20,1% desde o dia 21, segundo cálculo convencional da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). Considerando a metodologia que leva em conta o uso do volume morto, o nível está em 15,5%.

A companhia passou a disponibilizar um terceiro índice no dia 16 de abril, que subtrai o volume armazenado da reserva técnica e divide pelo volume útil do reservatório. Esse cálculo aponta um déficit de 9,2% no sistema.

A chuva acumulada no Cantareira no mês de abril não chega à metade da média histórica para o mês. O índice pluviométrico está em 45,1 milímetros (mm), quando o esperado para o período é 89,8 mm. Nas últimas semanas, o maior acúmulo de chuva nas represas que formam o sistema foi 4,2 mm no dia 23.

De ontem para hoje, choveu apenas 0,8 mm. No mesmo período do ano passado, as precipitações acumuladas eram maiores, com 85,7mm. O sistema, naquela época, tinha 11,3% de volume de água armazenado. A reserva técnica começou a ser usada em maio de 2014.

Nas demais represas que abastecem a região metropolitana de São Paulo, houve acréscimo apenas no Sistema Rio Claro, cujo nível passou de 46,7% para 47,3%. Esse também é o único reservatório que já ultrapassou a média histórica de chuvas.

O acumulado pluviométrico chegou hoje a 203,2 mm, enquanto o previsto para o período é 200,2 mm. Somente de ontem para hoje, choveu 26,8 mm. Os sistemas Tietê, Alto Cotia e Rio Grande ficaram estáveis em 22,4%, 65,7% e 95,8%, respectivamente. Apenas o Guarapiranga teve redução no volume armazenado, de 82,6% para 82,4%.

Mercado de crédito cresce em ritmo estável, registra BC

27/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Tulio Maciel, disse hoje (24) que os números relativos às operações de crédito em março mostram que o mercado de empréstimos está "em ritmo de crescimento constante, estável".

Mais cedo, a autoridade monetária havia informado que as operações de crédito somaram R\$ 3,06 trilhões no mês passado, 1,2% mais que em fevereiro. Em 12 meses, o crescimento foi de 11,2%. O BC projeta crescimento de 11% para o estoque das operações de crédito em 2015.

"Essa situação [de crescimento estável] ocorre em um quadro de inadimplência baixa e em um ambiente de elevação dos juros", destacou Maciel, em entrevista coletiva para comentar os dados de março.

No mês passado, a inadimplência com recursos livres – aqueles que os bancos podem emprestar livremente, sem seguir regras do governo – ficou estável, em 4,4%. Os juros para pessoa física chegaram a 54,4% ao ano. O patamar voltou a ser o maior desde o início da série histórica do BC, em março de 2011.

O chefe do Departamento Econômico atribuiu os juros mais altos às elevações da Selic, taxa básica de juros da economia, atualmente em 12,75% ao ano. "Isso [elevação dos

juros] segue principalmente o ciclo de política monetária”, disse Maciel. Ele destacou, em março, o crescimento das operações envolvendo o crédito consignado, principalmente entre os aposentados.

De acordo com dados do BC, o saldo dessas operações cresceu 0,9% em março em relação a fevereiro, e 12,8% em 12 meses. Quando levados em conta somente os beneficiários do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), grupo que engloba os aposentados, a alta fica em 1,7% no mês e em 16,3% em 12 meses.

Segundo Tulio Maciel, isso ainda é reflexo de um aumento dos prazos para pagamento do consignado, anunciado pelo governo no final do ano passado.

Outro motivo, disse ele, pode ser a busca de crédito com juros mais baixos, no atual cenário de elevação. “O que se observado é uma tendência de crescimento [do consignado] que vem desde o ano passado. Buscar a modalidade [de crédito] com juros mais baixos é a tendência lógica.”

Sul-coreana fecha parceria para instalar fábrica no RS

27/04/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

A empresa sul-coreana Shin Hwa Silup, que fabrica folhas de flandres (utilizadas no revestimento de latas e embalagens, principalmente da indústria alimentícia), fechou sociedade com um brasileiro para produzir no Rio Grande do Sul.

Batizada de Nenzo Industrial, a companhia vai instalar uma fábrica no Estado que demandará cerca de US\$ 70 milhões (R\$ 205 milhões) em investimentos. A cidade que receberá o empreendimento ainda não foi definida, mas é provável que seja escolhida alguma próxima do litoral.

"O produto é pesado e o transporte rodoviário, caro. Por isso, precisamos estar próximos de um porto para a entrada e a saída de mercadoria", diz Darci Giovanella, sócio brasileiro da empresa.

A unidade será semelhante às outras três que a Shin Hwa Silup opera hoje (duas na China e uma na Coreia) e terá capacidade para produzir 120 mil toneladas por ano. Inicialmente, ela atenderá o mercado brasileiro -que consome 700 mil toneladas por ano-, mas existe a possibilidade de exportar para Argentina e Uruguai.

Giovanella afirma que os sócios não estão preocupados com a desaceleração econômica brasileira. "O produto é de difícil substituição e faremos um trabalho com as empresas nacionais para incentivar o uso da tecnologia de embalagem metálica", acrescenta.

As obras devem ser iniciadas até o fim do ano e levar 18 meses para serem concluídas.

Ânimo em tempos de crise

Apesar da crise, o setor que reúne atacadistas e distribuidores está otimista em relação ao seu faturamento, mostra pesquisa encomendada pela Abad (associação do segmento) à Nielsen que será divulgada nesta segunda (27).

Dados preliminares do levantamento apontam que 93,3% dos empresários de atacarejos esperam ampliar as vendas neste ano. O restante prevê estabilidade.

"Há consumidores que estão migrando do hipermercado para o atacarejo. Esses empreendimentos têm um mix de produtos mais enxuto, também não tem muito

conforto, como ar-condicionado, mas os preços são mais baixos", afirma o presidente da entidade, José do Egito Frota Lopes Filho.

Entre os distribuidores, a parcela que projeta crescimento das vendas também é alta (84,7%). Apenas 4,8% esperam uma queda e 10,5%, estabilidade.

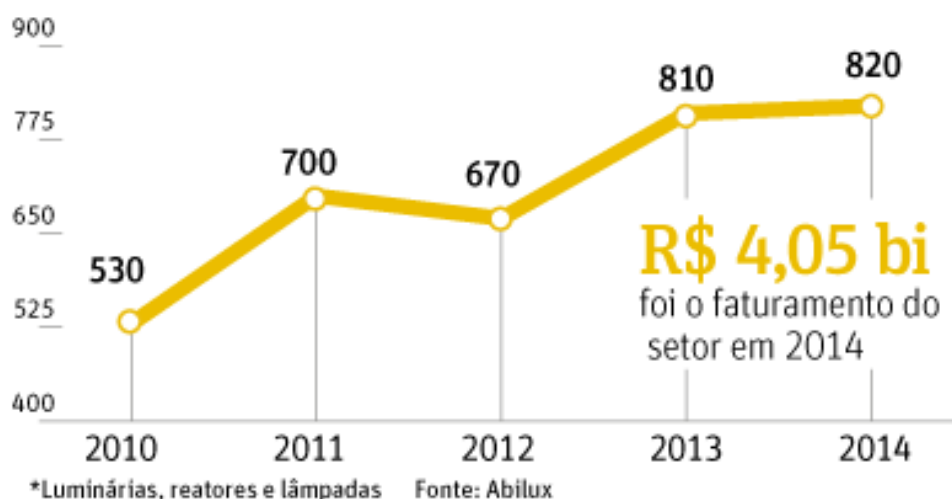
"Nosso setor trabalha com produtos de consumo básico, como alimentos e itens de higiene. Por isso, é mais difícil sentir [a desaceleração econômica]", acrescenta. Foram ouvidas empresas que correspondem a 42% do faturamento do setor.

Subida da luz

editoria de arte/folhapress

DESEMBARQUES LUMINOSOS

Importações brasileiras de produtos de iluminação, em US\$ milhões*



Impactadas pela alta do dólar, empresas brasileiras do setor de iluminação têm reajustado entre 10% e 15% o preço das lâmpadas de LED ao consumidor.

"As lâmpadas prontas e seus insumos são importados. Com a subida do dólar, não dá para absorver todos os prejuízos", diz Georges Blum, presidente da Abilumi (entidade do setor).

Na paulista Golden, o aumento chegará a 15% no próximo trimestre. "Além do câmbio, o ICMS sobre o LED é 10% maior que o da lâmpada comum", diz Alvaro Diniz, presidente da empresa.

Na gaúcha Intral, com 80% de produção própria, as lâmpadas têm saído da fábrica 10% mais caras. "O valor só voltará ao normal se o dólar permanecer abaixo de R\$ 3", diz o diretor Gerson Teixeira. Na FLC, os processos internos foram reavaliados para conter gastos e manter preços.

Vale a pena assumir riscos na hora de investir?

27/04/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo



Grande parte dos cidadãos, questionados sobre seu perfil em relação aos investimentos, diz se considerar conservadora, especialmente em relação a aplicações financeiras de longo prazo.

Sob o olhar desses mesmos indivíduos, o investidor é aquele que toma riscos mais profundos e está sempre sujeito a perdas consideráveis, as quais podem implicar perdas (ou ganhos) também maiores, e tal característica cabe mais àqueles que têm mais dinheiro para perder.

De fato, quanto maior o risco, maior o retorno possível. Contudo, não se deve atribuir ao conceito de investidor a imagem de alguém de grandes posses que está pronto para ver parte de seu capital escoar sem preocupações. Na verdade, pode ser que tenha ocorrido o caminho reverso: obtém-se mais dinheiro quando arrisca-se mais.

Para desconstruir tais convicções, é preciso ter muita personalidade e estar disposto a mudar o cenário a qualquer momento, aproveitando o máximo de oportunidades possíveis. Mas como tornar esse desejo algo mais factível?

A separação fundamental –e talvez mais complexa– a ser realizada por quem deseja a independência financeira é aquela que distingue os ativos e os passivos do orçamento pessoal.

De um lado, estão os passivos: financiamentos em geral, despesa com alimentos, lazer ou qualquer outro custo que se vê perdido e irrecuperável. De forma sucinta, considera-se como passivo tudo que extrai capital da conta.

Na direção oposta, estão os ativos, responsáveis por trazer cada vez mais dinheiro. Nesta categoria, estão aplicações em ações, títulos, ferramentas financeiras ou mesmo imóveis a serem utilizados para locação.

Para se chegar a resultados cada vez mais satisfatórios e obter rendimentos crescentes, é essencial saber sempre como optar por ativos e manter reservas para que estes possam estar em constante aquisição e reprodução.

Por isso, o primeiro passo sempre deve ser buscar substituir juros de dívidas pelos de investimentos. Em outras palavras, é necessário deixar de perder para passar a ganhar.

Neste sentido, pode ser que certos desejos comuns à cultura brasileira como o sonho da casa própria ou do automóvel familiar tenham que ser adiados e realizados em um momento posterior.

Com uma mentalidade mais bem direcionada à busca pela rentabilidade e ao cálculo financeiro de longo prazo, torna-se muito mais prático o controle do orçamento familiar, e

a tendência anterior de sufocar-se nas próprias dívidas passa a ser substituída pela maior tranquilidade até mesmo em momentos de turbulência.

SAMY DANA é economista com Ph.D em business, professor da EAESP-FGV e escreve às segundas neste espaço.

Mais empresas aderem ao Festival do Consorciado Contemplado

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business

Novas empresas anunciaram adesão ao Festival do Consorciado Contemplado. Ford, Ford Caminhões, Mercedes-Benz e Nissan entraram para o grupo de marcas que participam da campanha que oferecerá atrativos e condições especiais para os clientes que têm a carta de crédito, mas ainda não compraram veículos.

O objetivo é atrair estes consumidores para a rede de concessionárias entre 1º de maio e 15 de junho.

Com as novas adesões, a campanha passa a contar agora com o apoio de 14 montadoras. Audi, DAF, Fiat Chrysler (FCA), Caoa, Iveco, General Motors, MAN Latin America, Scania, Toyota e Volkswagen já tinham a participação confirmada desde o anúncio da campanha, na quinta-feira, 23.

O Festival é resultado de parceria entre Anfavea, Fenabreve e Abac, associação que representa os administradores de consórcios.

Embora não tenham projeção do alcance da campanha, as entidades apostam que o potencial é grande: o Brasil tem 240 mil consorciados contemplados que ainda não compraram seus veículos. "Este volume equivale a um mês adicional de vendas", afirma Luiz Moan, presidente da Anfavea.

Além de ser uma ação de marketing imediata para atrair estes consumidores, o Festival do Consorciado Contemplado também pretende divulgar o consórcio como opção para a compra de veículos.

Diante da restrição da oferta de crédito pelos bancos, a modalidade foi a única a apresentar crescimento em 2015: houve alta de 8% no número de participantes ativos no primeiro trimestre na comparação com igual intervalo de 2014. Segundo a Abac, mensalmente são vendidas entre 75 mil e 80 mil cotas.

Eficiência energética será pesadelo da indústria

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business

Enquanto administra a severa redução do ritmo de vendas, o setor automotivo terá de focar em um segundo desafio: o Inovar-Auto. Apesar de o regime automotivo estar em vigo desde 2013, nem todas as montadoras estão com a estratégia definida para atender às exigências do programa, segundo Valter Pieracciani, sócio-diretor da Pieracciani Desenvolvimento de Empresas.

"A eficiência energética será o grande pesadelo da indústria nos próximos 12 a 16 meses", aponta o consultor. Ele se refere ao prazo que as montadoras têm para fazer os ajustes necessários antes de apresentar os resultados ao governo, o que deve acontecer até novembro de 2016.

Segundo ele, enquanto algumas empresas se prepararam, desenvolvendo tecnologias e

modelos capazes de atender a meta de melhorar em, no mínimo, 12% a eficiência energética de seus veículos vendidos no País, outras permaneceram estáticas, esperando que a legislação fracassasse.

“As multas para quem não cumprir os objetivos serão pesadíssimas e vai ficar difícil escapar. As companhias que não levaram o programa a sério terão de fazer agora o que deveriam ter feito antes”, alerta Pieracciani. Cálculo feito por Automotive Business mostra que pode passar de R\$ 8 mil por carro vendido o encargo para a fabricante que descumprir as exigências de consumo e emissões do Inovar-Auto.

O consultor estima que, para uma montadora que se instalou recentemente no Brasil e deve vender localmente 200 mil veículos nos quatro anos de vigência do programa do governo, as multas podem chegar à casa dos R\$ 2 bilhões caso a empresa não dê atenção ao compromisso com a eficiência energética. “Muitas empresas provavelmente vão chorar nos ombros do governo lá na frente”, lamenta Pieracciani.

PORTARIA Nº 74

Ele acredita que até mesmo as fabricantes mais atrasadas ainda têm a chance de conquistar melhorias antes de apresentar os resultados ao governo. O consultor recomenda que empresas nesta situação recorram às possibilidades apresentadas na Portaria nº 74 de 26 de março (veja [aqui](#)).

A regulamentação traz incentivo ao uso de tecnologias que ajudem a reduzir o consumo, como o start-stop, o indicador de troca de marcha, mecanismo de monitoramento da pressão dos pneus e o sistema de controle da grade frontal, que desvia o fluxo de ar e melhora o arrasto aerodinâmico do carro.

Quem usar algumas dessas soluções poderá ganhar bônus, na forma de frações de megajoule por quilômetro que poderão ser descontadas do teste padrão de consumo energético.

Além destes dispositivos, tanto montadoras quanto fabricantes de autopeças podem apresentar novas soluções ao governo, que submeterá a novidades a testes e poderá oferecer incentivo ao uso da tecnologia nos veículos.

Além de possivelmente contribuir para resultados melhores nas medições de eficiência energética em laboratório, os carros equipados com estes sistemas terão desconto adicional nos resultados dos testes de eficiência energética.

Para isso, no entanto, o governo exige que a tecnologia seja oferecida como item de série no carro. Modelos equipados com motores flexíveis também largam com pequena vantagem na eficiência energética, com bônus nos resultados dos testes.

Outro recurso que terá o poder de aumentar a eficiência energética da frota das montadoras são os carros com propulsão alternativa. A venda de modelos híbridos, híbridos plug-in, elétricos, elétricos com autonomia estendida ou movidos a célula de combustível terá peso maior no cálculo da melhoria de consumo e de emissões, que é feito com base na média ponderada da frota vendida pela empresa.

Dessa forma, ainda que o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos modelos com estas tecnologias seja elevado - com exceção dos híbridos, que tiveram a alíquota zerada - a possibilidade de usá-los para melhorar os resultados de eficiência energética pode fazer com que as marcas aumentem os esforços para vender algumas unidades destes carros no Brasil, até mesmo com prejuízo, que poderá ser compensado com descontos

extras de IPI previstos na legislação do Inovar-Auto para quem superar as metas de eficiência energética.

Os resultados alcançados por cada empresa deverão ser apresentados ao governo até 1º de novembro de 2016. Em seguida, até 31 de dezembro de 2017, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) fará a comprovação dos dados apresentados. A partir de então será feita verificação de manutenção todos os anos até 2020.

Para Pieracciani, a extensão do cronograma do Inova-Auto até 2020 é um bom sinal. "Isso pode ser um indício da intenção de estender o programa", acredita. Na análise do consultor, a Portaria nº 74 mostra que o governo está empenhado em ver as montadoras agregarem tecnologia aos carros vendidos no Brasil.

Segundo ele, o fato de o regime automotivo ainda ter algumas regulamentações pendentes não vai atrapalhar os resultados da política industrial. "Esperar que tudo esteja certo para tomar as decisões necessárias é apenas uma desculpa para não fazer as coisas. Precisamos aprender a trabalhar na tempestade ao invés de esperar a chuva passar", conclui.

Autopeças: déficit comercial persiste no País

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business



Apesar da queda na produção e venda de veículos no Brasil, o déficit na balança comercial de autopeças persiste e atingiu US\$ 1,78 bilhão no acumulado de janeiro a março. O valor, no entanto, é 31,5% menor que o de igual período de 2014.

Os números fazem parte do Relatório da Balança Comercial do Sindipeças e foram elaborados a partir de informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

As exportações e importações recuaram, respectivamente, 9,2% e 21,6% no trimestre. As vendas para 154 países somaram US\$ 1,86 bilhão e as compras vindas de 129 países, US\$ 3,64 bilhões.

Os Estados Unidos se mantêm como a maior nação exportadora para o Brasil, mas enviou neste primeiro trimestre US\$ 436,8 milhões, 16% a menos que nos mesmos meses do ano passado.

Já a China, segundo maior fornecedor, repassou ao País US\$ 419,8 milhões em autopeças e registrou pequeno recuo de 0,93% no trimestre. A nação asiática terminou 2014 como terceira maior fornecedora de componentes para o Brasil e caminha para o primeiro lugar, o que pode ocorrer no segundo semestre.

No caminho oposto, a Argentina ainda é o principal destino dos componentes brasileiros, mas as vendas ao país vizinho somaram US\$ 659,7 milhões, quase 23% a menos que no primeiro trimestre de 2014. Para os Estados Unidos, segundo maior comprador das autopeças brasileiras, o repasse de US\$ 292,8 milhões representou alta inferior a 1%.

Persiste a queda das exportações para a Alemanha, quinto maior destino, cujo valor de US\$ 119,8 milhões foi 20,3% menor que o de igual período de 2014.

Iveco entrega 21 chassis de ônibus para a Transcal

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A Iveco Bus, divisão de ônibus da marca anuncia a venda de 21 unidades dos chassis 170S28 para a Transcal, empresa de transporte de passageiros de Porto Alegre (RS).

Lançado comercialmente em novembro do ano passado, durante a Fetransrio, juntamente com a unidade de negócio da empresa o modelo é o primeiro da companhia no segmento de 17 toneladas, o de maior representatividade, com 60% de participação nas vendas totais de ônibus no Brasil.

Do total de 21 unidades entregues, seis terão carroceria Neobus MegaPlus para utilização no transporte urbano, enquanto as demais 15 unidades, com carroceria Neobus New Road, rodarão em linhas de fretamento. Este volume aumenta para 41 o número de veículos da Iveco comprados pela Transcal.

“O fechamento do negócio é a confirmação de que temos um produto de alta qualidade, pronto para atender o setor de transportes. Continuamos investindo para oferecer um veículo moderno, confiável e com a durabilidade comprovada para atuar nesse segmento”, afirma Humberto Spinetti, diretor da divisão de ônibus e veículos de defesa da Iveco para a América Latina.

Desenvolvido e fabricado no complexo industrial da Iveco em Sete Lagoas (MG), o modelo de 17 toneladas é equipado com motor N67, da FPT Industrial, com seis cilindros em linha, de 6,7 litros e tecnologia SCR, cuja potência máxima é de 280 cv. A transmissão é ZF, manual e de seis marchas.

Terceirização do trabalho será tema do Fórum de RH

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A terceirização de trabalhadores será um dos temas do III Fórum de RH na Indústria Automobilística, que Automotive Business promoverá dia 18 de maio no Milenium Centro de Convenções, em São Paulo.

O assunto será analisado pelo professor e consultor José Pastore, especialista em questões relativas ao trabalho na indústria, e também em debates com representantes de montadoras e do setor de autopeças.

Luis Moan, presidente da Anfavea, a entidade dos fabricantes de veículos, vai explicar em vídeo especialmente gravado para a abertura do fórum que a associação apoia a terceirização do trabalho no setor, por trazer maior segurança jurídica para a empresa e trabalhadores.

Ele dirá não acreditar numa grande onda de terceirização e acentuará a importância de as montadoras terem seu próprio pessoal nas linhas de montagem. Em contraposição, seria

recomendável contratar, para serviços temporários, um especialista em determinado projeto.

A terceirização do trabalho em serviços relativos a atividades-meio na indústria automobilística é praticada rotineiramente. Já a contratação de pessoal para a execução de atividades-fim das empresas é motivo de polêmica e combatida pelos sindicatos, para os quais essa prática é indesejável por tornar menos vantajosas as condições de trabalho.

É preciso considerar também que nem sempre ficam claros os limites entre o que é atividade-meio e atividade-fim nas empresas, já que não existe uma clara regulamentação a respeito.

O tema está contemplado no Projeto de Lei 4330, de 2004, concebido para regulamentar a terceirização do trabalho nas empresas. Aprovado em votação na Câmara dos Deputados recentemente, o projeto segue para o Senado, onde deve encontrar restrições – a começar pelo seu presidente, Renan Calheiros.

Mais informações sobre o III Fórum de RH estão em www.automotivebusiness.com.br/forumrhautomotivo2015.html

Scania apura lucro líquido 9% maior no 1º trimestre

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business



A Scania reporta aumento de 9,1% em seu lucro líquido no primeiro trimestre para o equivalente a € 183 milhões contra ganhos de € 167,6 milhões em iguais meses do ano passado, aponta relatório financeiro divulgado pela montadora na quinta-feira, 23, em sua sede, na Suécia.

O faturamento líquido total subiu 5,6% no período, para € 2,4 bilhões, apesar das vendas globais diminuírem 7% nos três primeiros meses do ano, para pouco mais de 17,5 mil unidades, considerando caminhões e ônibus, reflexo da baixa de 4% das encomendas, que passaram de 21 mil para 20,2 mil unidades neste primeiro trimestre.

A receita da divisão de veículos e serviços relacionados ficou praticamente estável nos três primeiros meses do ano, com leve queda de 0,1%, para € 214,1 milhões. A receita obtida com serviços financeiros (Banco Scania) somou € 27,5 milhões, recuo de 3,7% sobre o resultado de idêntico intervalo de 2014, quando a divisão faturou € 28,6 milhões.

“Os efeitos positivos das taxas de câmbio foram neutralizados por um declínio no fornecimento de veículos, principalmente na América Latina e na Eurásia”, afirma Per Hallberg, presidente e CEO interino da montadora (leia [aqui](#)). Por outro lado, o executivo ressaltou que as encomendas na Europa registraram seu maior volume desde 2007,

indicando o bom momento do mercado aliado à necessidade de renovação.

Segundo o relatório, houve queda de 7% nas vendas globais de caminhões da marca, para 16,1 mil unidades, reflexo do fraco desempenho na América Latina e Eurásia, cujas entregas recuaram 60% nas duas regiões. Os mercados latino-americanos consumiram 1,7 mil caminhões nos três primeiros meses de 2015 – há um ano este volume era de 4,3 mil.

Já na Eurásia, foram 582 unidades contra as 1,4 mil de um ano atrás. O relatório destaca a situação no Brasil, cuja demanda foi afetada negativamente pela crise econômica e pelas novas condições menos favoráveis do Finame PSI e na Rússia, as encomendas diminuíram para um nível muito baixo a partir das perspectivas incertas naquele mercado.

Em outro cenário, a Scania comemora o desempenho na Europa, onde viu suas vendas aumentarem 24% entre janeiro e março contra iguais meses do ano passado, para 9,6 mil unidades. As encomendas subiram 46%, para 12,4 mil unidades no período.

No segmento de chassis de ônibus, América Latina e Eurásia também foram responsáveis pelas contundentes quedas das entregas, de 30% e 20%, respectivamente, puxando para baixo o resultado das vendas totais globais, que reduziram 3%, para 1,34 mil unidades.

Enquanto na Europa as vendas avançaram 54%, para 390 unidades no período, na América Latina, a Scania apurou entregas de 362 unidades - contra os 518 chassis do 1º trimestre de 2014 - e apenas 8 chassis entregues na região da Eurásia - duas a menos do que o volume total do ano passado. Na Ásia, as vendas subiram 16%, para 444 chassis entregues.

Renault vende 641,6 mil veículos no 1º trimestre

27/04/2015 - Fonte: Automotive Business

As vendas mundiais do Grupo Renault somaram 641,6 mil unidades, resultando em discreta alta de 0,8% em um cenário de crescimento de 1,7%. Na Europa, porém, a empresa obteve acréscimo de 9,9%, enquanto o mercado para o continente subiu um ponto porcentual a menos.

Com a ajuda de Clio, Captur e Twingo, a marca Renault cresceu 11,8%. A alta da Dacia foi de 4,3%, ajudada pelos modelos Duster e Dokker. Na França, as entregas do grupo somaram 150,2 mil unidades e acréscimo de 3,1%.

No país, enquanto a Renault cresceu 7,1%, a Dacia recuou 12,3% porque, na comparação do ano anterior, as vendas do Duster estavam aquecidas, já que o carro acabara de ser reestilizado (nota da redação: o Duster nasceu como Dacia e recebe essa marca em vários mercados).

O Grupo Renault teve ainda importante recuperação no sul da Europa, em especial na Espanha, onde as entregas cresceram 44,9%. O Sandero manteve a liderança no varejo. Na Itália, o terceiro mercado do grupo, os registros somaram 41,7 mil veículos e crescimento de 12,6%. O Clio foi o carro importado mais vendido naquele país.

Na Grã-Bretanha, o Grupo Renault ganhou participação e registrou alta de 18% nos licenciamentos, enquanto o mercado como um todo cresceu 8,4%. Na Eurásia, os dois principais mercados do grupo se moveram em direções opostas: os licenciamentos caíram 40,7% na Rússia e aumentaram em 50,5% na Turquia.

Fora da Europa, os mercados emergentes registraram queda de 38% no primeiro

trimestre. No Brasil, a retração apontada pelo grupo foi de 16,1%. Na Argentina, onde o mercado experimentou queda de 27,6%, a retração da Renault foi de 52,7%.

Na Índia, em um mercado que cresceu 4,5%, a Renault encolheu 11,4%. A redução tem a ver com a espera por dois lançamentos. Na Coreia, as vendas do grupo subiram 13,7% por causa das boas vendas do QM3.

FATURAMENTO PRÓXIMO DE € 9,4 MILHÕES

No primeiro trimestre de 2015 o Grupo Renault faturou € 9,38 milhões, 13,7% mais em relação ao mesmo período do ano passado e de 12,5% com a correção cambial. Em suas projeções mundiais, o Grupo Renault acredita que a procura por automóveis deverá crescer 2% em 2015.

O mercado europeu, com desempenho melhor que o esperado no primeiro trimestre, deve aumentar em 5%, três pontos percentuais acima do previsto. Em contrapartida, os mercados brasileiro e russo tendem a cair mais que do que o grupo esperava.

Aneel promove leilão de fontes alternativas de energia na 2ª

27/04/2015 - Fonte: Exame



A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) realizará na próxima segunda-feira, 27, a partir das 10h, o Leilão de Fontes Alternativas (LFA) nº 02/2015, a partir do qual pretende contratar energia de projetos a biomassa e eólicos.

Serão ofertados três produtos, com fornecimento de energia a partir de janeiro de 2016 e julho de 2017, e duração de 20 anos. O primeiro produto será composto por usinas novas e existentes movidas a biomassa.

Os outros dois produtos envolvem novas térmicas a biomassa e usinas eólicas. O preço estabelecido pela Aneel para a energia gerada pelas térmicas a biomassa é de R\$ 215/MWh, válido para os projetos existentes e novos. No caso da energia eólica, o preço máximo a ser pedido pelos geradores será de R\$ 179/MWh.

Foram habilitados para participar do leilão um total de 200 projetos, dentre os quais 172 parques eólicos e 28 térmicas. Um dos projetos térmicos foi habilitado para negociar energia a partir de 2016 e 2017, por isso a Empresa de Pesquisa Energética (EPE)

considera 23 termelétricas a biomassa com energia ofertada a partir de 2016 e seis projetos com possibilidade de fornecimento de energia a partir de 2017.

A capacidade instalada dos 200 projetos totaliza 4.253 MW. De acordo com a EPE, os 172 empreendimentos de energia eólica representam uma capacidade de 3.930 MW. As 23 usinas termelétricas reúnem 57 MW de potência. Já os seis projetos com entrega em 2017 têm capacidade instalada conjunta de 265,8 MW.

Os Estados do Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará devem ser os principais destaques do certame. Foram habilitados 56 projetos eólicos no Rio Grande do Norte (1.223 MW), 50 empreendimentos eólicos na Bahia (1.084 MW) e 40 projetos com mesmo perfil no Ceará (998,4 MW).

O leilão será operacionalizado pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e acontecerá em São Paulo. O resultado será divulgado na página eletrônica da CCEE.

Minério de ferro na China sobe e tem maior nível em 1 mês

27/04/2015 - Fonte: Exame



O minério de ferro no mercado à vista da China deu um salto nesta sexta-feira, com os contratos futuros do produto no país atingindo o limite diário de alta e registrando um segundo ganho semanal, com compradores no principal consumidor global retomando compras após mínimas históricas da cotação.

O indicador do preço do minério para entrega imediata no porto de Tianjin subiu 5,9 por cento, para 57 dólares, nesta sexta-feira, o maior nível desde os 57,60 dólares registrados em 17 de março, segundo o The Steel Index.

Foi o maior ganho percentual diário para o minério de ferro no mercado à vista desde outubro de 2012. O preço do minério de ferro, com 62 por cento de ferro, atingiu mínima histórica do indicador de 46,70 dólares no início do mês.

Já o contrato referencial do mercado futuro da bolsa de Dalian fechou em alta de 4 por cento nesta sexta-feira, a 417,5 iuanes (67 dólares). Na semana, o preço subiu 4,4 por cento.

"Eu acho que o mercado estava muito baixista anteriormente. Algumas siderúrgicas chinesas precisam retomar as compras de matérias-primas, com seus estoques bastante baixos", disse Xia Junyan, analista da Everbright Futures, em Xangai.

Os estoques de minério de ferro nos principais portos chineses recuaram 600 mil toneladas na semana, para 93,61 milhões de toneladas, segundo dados da consultoria do setor Umetal.com.

Seis indústrias anunciam investimentos em Sorocaba

27/04/2015 - Fonte: Usinagem Brasil



Em meio à onda de notícias negativas na área político-econômica, a prefeitura de Sorocaba, no Interior de São Paulo, organizou evento visando criar um fato positivo.

Promoveu coletiva de imprensa com seis indústrias que estão investindo em novas fábricas na cidade (Exco Technologies, Mettalia Caldeiraria, Grupo VMF e Carmar Oil e Gás) ou ampliando as unidades que já mantêm no município (Toyota e Pepsico). O total dos investimentos se aproxima de R\$ 200 milhões.

“Graças a nossa diversidade industrial temos um ponto positivo. Se um setor não vai bem, outros setores que estão em alta acabam equilibrando e ajudando a cidade a manter os postos de trabalho”, destacou o prefeito Antonio Carlos Pannunzio, durante coletiva de imprensa.

Fabricante de ferramentas de extrusão, a Exco Technologies, do Canadá, inaugurou sua fábrica na cidade no mês passado. Com investimento de R\$ 30 milhões, irá produzir ferramentas e acessórios para extrusão de alumínio voltados aos setores de transporte, de construção civil, petróleo e gás, aeroespacial, móveis, entre outros.

Em operação a cerca de dois meses, a Carmar Oil e Gás se transferiu de Guarulhos para Sorocaba. Com investimento de R\$ 16 milhões, a nova unidade atuará nos segmentos de caldeiraria leve e usinagem para atender aos fabricantes de equipamentos para o setor de óleo e gás. Hoje com 85 empregados, a empresa anunciou no evento que planeja contratar outros 25 funcionários.

Empresa que atua no segmento de caldeiraria pesada, a Mettalia também acaba de se transferir para Sorocaba, vinda do ABC. Com investimento de R\$ 15 milhões (com previsão de outros R\$ 20 milhões no médio prazo), fabrica equipamentos especiais sob encomenda para empresas que atuam nos setores de óleo, gás, mineração, indústrias químicas e petroquímicas.

Atualmente com 60 funcionários, tem previsão de chegar ao final de 2015 com 100 contratados.

Composto por três empresas que atuam nas áreas de manutenção de helicópteros, de turbinas e de aviões, o Grupo VMF se instalou em dois hangares no aeroporto de Sorocaba, no mês de janeiro. A empresa já investiu R\$ 10 milhões e existe a intenção de investir outros R\$ 10 milhões na aquisição de equipamentos.

Presente ao evento, a Toyota reafirmou o anúncio feito em janeiro último de investir R\$ 100 milhões na ampliação da fábrica com a geração de trezentos novos empregos diretos.

Com os novos recursos, a capacidade de produção do Etios saltará, no início de 2016, de 74 para 108 mil unidades por ano. Já a Pepsico, sem revelar valores e planos, afirmou que deverá gerar um bom volume de empregos na cidade nos próximos meses.

Tungaloy instala nova fábrica no Japão

27/04/2015 - Fonte: Usinagem Brasil



Nova área fabril (destacada em vermelho) no Japão

Desde que passou a integrar o grupo IMC, em 2008, a Tungaloy tem investido fortemente na sua estrutura de produção. O mais recente exemplo é a inauguração de nova área fabril em suas instalações em Iwaki, no Japão.

Concluída em fevereiro e já em operação, a nova unidade se soma ao complexo industrial inaugurado em 2011.

Segundo a companhia, o novo prédio contribuirá para o atendimento da crescente demanda por insertos de metal duro, fresas e brocas intercambiáveis do mercado mundial.

Equipada com máquinas automatizadas de última geração e sistemas de gestão da qualidade sofisticados, a nova unidade irá produzir ferramentas especiais e standard.

Segundo a Tungaloy, a nova fábrica "irá aumentar significativamente a capacidade produtiva, ajudando a empresa a cumprir o prazo de entrega para seus clientes em todo o mundo".

Hyundai mantém operação em três turnos em Piracicaba

27/04/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

Na contramão da maioria das montadoras do País, a Hyundai não planeja em reduzir a produção ou cortar postos de trabalho. A fábrica de Piracicaba tem operado 24 horas por dia, em três turnos, e planeja atingir a capacidade total de produção em 2015, com 180 mil veículos, conforme notícia publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo".

Quando inaugurou a planta em 2012, a capacidade de produção era de 150 mil veículos/ano. Com a eliminação de gargalos, atingiu 173 mil em 2013 e 179 mil em 2014.

No primeiro trimestre de 2015 a empresa alcançou 7,5% de participação no mercado brasileiro, com 48,4 mil veículos vendidos - dos quais 37,2 mil produzidos em Piracicaba e os demais importados ou fabricados em Anápolis (GO), na parceria que mantém com o Grupo Caa.

"Apesar da crise, não reduzimos nossas ações no mercado e estamos oferecendo um produto que tem atraído consumidores por sua qualidade", afirma William Lee, presidente da Hyundai do Brasil ao jornal "O Estado de São Paulo". Na primeira quinzena do mês, o HB20 foi o modelo mais vendido no País.

Ainda de acordo com a reportagem, a montadora espera pela recuperação da economia para reavaliar planos de um novo veículo a ser produzido em Piracicaba, assim como da produção local de motores e transmissões, atualmente importados da Coreia.

"É um passo a ser dado quando tivermos indicadores que justifiquem o aumento da produção", afirmou. Exportar para os países da América Latina também está nos planos.

Na avaliação do executivo, porém, isto não depende apenas da questão cambial, "mas de uma demanda consistente por parte de mercados compradores, como Argentina e México".

Setor de ferramentas registra forte aumento de custos

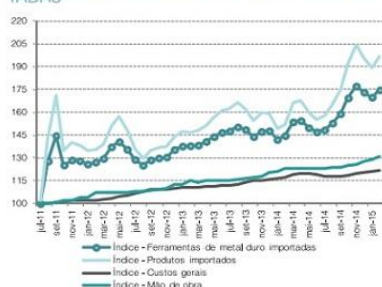
27/04/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

O setor de ferramentas de corte de metal duro importadas registrou forte aumento dos custos nesse início de ano. Segundo levantamento realizado pela WebSetorial Consultoria Econômica, encomendado pelo Sinafer e a ABFA (Associação Brasileira da Indústria de Ferramentas), nos meses de janeiro e fevereiro de 2015 houve crescimento de 20,21% nos custos de importação das ferramentas de metal duro.

De acordo com o estudo, no período, os valores das importações sofreram aumento de 28,05%, que somam ao aumento de 3,95% nos custos operacionais das empresas (energia, pedágios, embalagens e logística etc.) para a distribuição desses produtos no mercado brasileiro e do aumento de 6,62% nos custos da mão de obra - equipes técnica e de marketing, dedicadas à comercialização desses produtos.

O aumento afeta diretamente a margem de lucro das empresas, já prejudicada pelo longo período de queda do mercado brasileiro de ferramentas - após registrar índice negativo em 2014, o setor fechou o primeiro trimestre de 2015 com baixa de 15%. Porém, diante do atual quadro econômico do País, as empresas têm enfrentado grande dificuldade para repassar os custos aos clientes finais

GRÁFICO 01: COMPONENTES DOS CUSTOS DAS FERRAMENTAS DE METAL DURO IMPORTADAS



Insumos - O estudo também fez um levantamento da variação do preço das commodities utilizadas nas ferramentas de metal duro, como tungstênio e cobalto. A variação desses custos foi positiva em 24,38% no acumulado de janeiro-fevereiro de 2015, em relação ao mesmo período de 2014.

(*) A WebSetorial explica que o levantamento foi desenvolvido a partir de dados secundários obtidos juntos ao MDIC-SECEX, IBGE, Datafolha e FGV. O índice consiste numa média ponderada de três componentes: o preço médio da ferramenta de metal duro importada, com peso de 65%; o custo da mão de obra local, com peso de 15%; e o terceiro, com peso de 20%, são os custos operacionais, como energia, pedágios, embalagens e logística, entre outros, para o qual se utiliza o índice geral de preços da Fundação Getúlio Vargas (IGP-M) por conta da ampla gama de itens coletados.

TABELA 01: VARIAÇÕES NOS CUSTOS DAS FERRAMENTAS DE METAL DURO IMPORTADAS

DESCRIÇÃO	FEV15/FEV14	JAN15-FEV15/ JAN14-FEV14	MAR14-FEV15/ MAR13-FEV14
ÍNDICE - FERRAMENTAS DE METAL DURO IMPORTADAS	20,82%	20,21%	10,78%
ÍNDICE - PRODUTOS IMPORTADOS	29,04%	28,05%	12,84%
ÍNDICE - CUSTOS GERAIS	3,92%	3,95%	5,08%
ÍNDICE - MÃO DE OBRA	6,62%	6,62%	6,72%
COMMODITIES			
ÍNDICE - COMMODITIES (TUNGSTENIO + COBALTO)	27,59%	24,38%	11,41%
TAXA DE CÂMBIO			
TAXA DE CÂMBIO NOMINAL (REAL/DÓLAR - USA)	18,16%	14,37%	8,52%
TAXA DE CÂMBIO NOMINAL (REAL/EURO)	-1,89%	-3,75%	4,64%

FPT Industrial investe em novos produtos

27/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Nem mesmo a desaceleração da economia fez a FPT Industrial, com planta em Sete Lagoas (região Central), pisar no freio. A empresa vai lançar 49 novos produtos ainda em 2015, para atender à nova legislação nacional de controle de emissão de poluentes e ruídos por equipamentos *off-road* (MAR-I), o que vai demandar grandes investimentos.

Além disso, a fabricante de motores para veículos pesados e para o setor de geração de energia do grupo CNH Industrial já costura novos negócios para este ano, o que deve sustentar as vendas, junto com o aquecimento da demanda do segmento de geração de energia.

O diretor de Vendas e Marketing para a América Latina da FPT, Amauri Parizoto, não revelou o valor do aporte que será feito no desenvolvimento e lançamento dos 49 equipamentos da nova família de motores da empresa.

Mas explicou que eles atenderão às exigências da nova legislação brasileira. "um processo que já começou, mas os números finais ainda dependem da aprovação da nossa matriz na Itália", disse.

Parizoto explicou ainda que as inversões serão direcionadas à fábrica da empresa em Sete Lagoas, de onde já saem motores para atender o mercado brasileiro de caminhões, ônibus e veículos militares, destinados à Iveco, no mesmo município, tratores e máquinas agrícolas, para a CNH Industrial, além dos equipamentos que atendem ao segmento de geração de energia.

Na plataforma trabalham 260 funcionários e, segundo o diretor, mesmo com os aportes, não devem ser criados postos de trabalho.

De acordo com o diretor da FPT, alguns projetos novos, ainda em negociação, e as vendas para o segmento de geração de energia devem fazer o resultado de 2015 ficar no mesmo patamar do de 2014.

"Quando se olha só para o mercado, ele não permite essa previsão. Mas os novos negócios e as vendas para o setor de geração de energia reforçam a projeção", justificou.

No ano passado, a empresa registrou uma queda, em termos de volume de vendas, da ordem de 15% em relação a 2013 no mercado latino-americano, incluindo o brasileiro, que representa 80% das transações.

No entanto, considerando só as vendas para o segmento de geração de energia, o volume de motores comercializados em 2014 cresceu 67% frente ao do ano anterior em toda a América Latina, evitando uma retração maior no resultado geral.

E o resultado do primeiro trimestre deste ano já deu mostras que a demanda por motores para geração de energia continua aquecida. No período, as vendas de equipamentos para o setor cresceram 37% em relação aos mesmos meses do ano passado, o que faz a empresa prever um aumento na casa dos 25% só para o segmento.

Para o diretor da FPT, o mercado de geração de energia representa uma "demanda simples". "quase uma prateleira. Havendo disponibilidade do produto, a venda é praticamente garantida", destacou. Ele revelou que a empresa tem 70 clientes espalhados em todo o país só no segmento de geração de energia.

Além dos planos para o Brasil e para a planta mineira, a FPT pretende investir na ampliação de seu mercado de motores movidos a gás natural veicular (GNV) na América Latina. Atualmente, os equipamentos fabricados exclusivamente na Itália já são vendidos para um cliente no Peru, mas a empresa pretende fechar negócios com novos compradores na Argentina e na Colômbia, inicialmente.

A FPT mantém ainda uma plataforma industrial em Córdoba, na Argentina, de onde atende a todo o mercado latino-americano, exceto o Brasil. Além da produção, a empresa também é especializada no desenvolvimento do *design* e na comercialização de sistemas de propulsão e motores para veículos *on-road* e *off-road*, máquinas agrícolas e de construção e também aplicações marítimas e de geração de energia.

Terceirização entra na guerra de vaidades

27/04/2015 - Fonte: GS Notícias

Num jogo de cena típico de Brasília, para exibir poder, os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal assumiram posturas divergentes em relação ao Projeto de Lei nº 4.330, que regulamenta a terceirização. O senador Renan Calheiros (PMDB-AL) afirmou que não terá pressa para discutir a matéria e alertou que autorizar a prestação de serviço para a atividade-fim de uma empresa é uma pedalada no direito do trabalhador.

Em resposta às declarações do correligionário, que indicam que o projeto de lei pode ser engavetado, o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) disse que tratará as matérias oriundas do Senado da mesma maneira.

Cunha é o principal defensor da terceirização no país. Uma manobra orquestrada por ele na última sessão da Câmara garantiu a aprovação do projeto, que permite a transferência de qualquer atividade para uma prestadora de serviço.

Sobre o tema, Calheiros tem afirmado que os pares terão cautela e maturidade para discutir o tema. Se os senadores alterarem a proposta, a matéria voltará para a Câmara.

Com isso, caberá à presidente da República, Dilma Rousseff, vetar a regulamentação, mas ela aposta que a proposta será engavetada no Senado, evitando desgastes para o governo.

As divergências no Legislativo, mesmo que para a plateia, animaram o Palácio do Planalto a concentrar esforços para derrubar a extensão da terceirização às atividades-fim. A decisão foi tomada ontem durante reunião do Conselho Político com Dilma.

O governo jogou a toalha em relação aos demais pontos do projeto, ciente de que, por ser uma bandeira do PMDB, dificilmente teria condições de derrotar os peemedebistas ao enterrar o projeto de lei como um todo.

Este ponto é visto pelo governo como questão crucial para evitar a precarização nas relações de trabalho. O PL 4.330 não trata da regularização da terceirização. Ele extingue direitos trabalhistas, declarou um ministro com assento no Conselho Político.

Para ele, o governo não pode se omitir, sobretudo levando-se em conta a origem do PT, o partido de Dilma, nas bases trabalhistas. Vamos ver até onde é possível reverter a terceirização na atividade-fim, acrescentou.

Negociação

O Executivo está animado com a possibilidade de mudar o texto no Senado após o resultado da votação na Câmara. A aprovação do projeto de lei se deu com apenas 30 votos de diferença, número bem menor do que os embates anteriores em outros pontos do projeto.

A base começou a se sensibilizar sobre os riscos do que foi aprovado pelos deputados, destacou outro interlocutor da presidente Dilma. Durante a reunião do Conselho Político, foi ressaltado que é preciso aprofundar as negociações, em vez de radicalizar no enfrentamento, atitude adotada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), inclusive em atos realizados em frente ao Congresso Nacional.

Na avaliação do Planalto, a representação sindical também ficará prejudicada se a terceirização for aprovada como está. Pela proposta em discussão no Congresso, quando as empresas forem da mesma categoria econômica, os trabalhadores terceirizados serão representados pelos empregados da contratante.

Além disso, o governo quer mudar a norma para retenção de contribuições ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, defende que as todas as contratantes de terceirizadas retenham, na origem, até 11% da folha salarial à Previdência Social, para garantir a arrecadação e evitar calote nos trabalhadores.

Mas, pelo projeto defendido por Cunha, somente nos casos das firmas de serviço de limpeza, conservação e zeladoria, de vigilância e segurança, de empreitada de mão de obra isso ocorrerá.

Os ministros, sobretudo os petistas, reforçaram que a CUT cumpriu seu papel como entidade sindical, ao gritar contra a terceirização, mas acrescentaram que seria ingenuidade fechar os olhos para a realidade da prestação de serviços nas relações trabalhistas. (Colaborou Antonio Temóteo).

Mercado financeiro estima inflação de 8,25% até o fim do ano

27/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

Analistas e investidores do mercado financeiro preveem que a inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), feche o ano em 8,25%. A estimativa está no boletim *Focus* divulgado semanalmente pelo Banco Central. Para o Produto Interno Bruto (PIB) – soma das riquezas produzidas no país –, a perspectiva permanece pessimista, com queda de 1,1% e diminuição na produção industrial de 2,5%.

Para o câmbio, a projeção até o fim do ano é que o dólar chegue a R\$ 3,20, e a taxa básica de juros fique em 13,25% ao ano. Houve leve elevação na estimativa para os preços administrados, aqueles monitorados pelo governo como luz e combustíveis, que passou de 13% para 13,1%, em 2015. A expectativa para a dívida líquida do setor público em proporção ao PIB foi mantida em 38%.

Nas contas externas, a expectativa para o déficit em conta-corrente aumentou de US\$ 77 bilhões para US\$ 78 bilhões, com o saldo da balança comercial em US\$ 4,17 bilhões. Os investimentos estrangeiros diretos estão estimados em US\$ 57 bilhões, de acordo com o boletim *Focus*.

Alta de preços de materiais faz índice de custo da construção subir 0,65%

27/04/2015 - Fonte: Bem Paraná

O Índice Nacional de Custo da Construção do Mercado (INCC-M) apresentou alta de 0,65% em abril, ultrapassando em quase duas vezes a variação registrada no mês anterior (0,36%). Nos últimos 12 meses, o índice subiu 6,94% e desde o começo do ano, 2,23%.

Construir em abril ficou mais caro, principalmente, por causa dos preços dos materiais, equipamentos e serviços com elevação média de 0,95%, mais do que o dobro do índice de março (0,41%). A pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) refere-se aos preços coletados entre os dias 21 de março e 20 de abril.

Já em relação à mão de obra, o índice passou de 0,31% para 0,38% sob influência, principalmente, do reajuste salarial em Salvador, onde o INCC-M saltou de 1,82% para 2,68%. Além da capital baiana, ocorreram avanços do custo da construção em Belo Horizonte (de 0,25% para 0,46%); Rio de Janeiro (de 0,16% para 0,34%) e São Paulo (de 0,06% para 0,50%).

Nas três capitais restantes, diminuiu a intensidade de alta: Brasília (de 0,40% para 0,29%); Recife (de 0,33% para 0,28%) e Porto Alegre (de 0,54% para 0,52%).

Os itens que mais influenciaram a alta foram cimento comum (4,06%); ajudante especializado (0,35%); condutores elétricos (5,07%); elevador (1,07%) e tubos e conexões de ferro e aço (1,96%).

Já os itens que evitaram que o avanço fosse maior foram: materiais elétricos (-0,49%); taxas de serviço e licenciamentos, que ficaram estáveis; vale transporte (0,04%); placas cerâmica para revestimento (0,06%) e massa corrida para madeira (0,71%).

Protesto de caminhoneiros entra no quinto dia em apenas dois estados

27/04/2015 - Fonte: Bem Paraná

Nas últimas horas, os protestos de caminhoneiros ficaram concentrados nos estados de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. De acordo com o último balanço da Polícia Rodoviária Federal, seis pontos estavam bloqueados parcialmente no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul no domingo (26).

No Mato Grosso, os bloqueios aconteceram nos municípios de Diamantino (BR 364, km 615), Nova Mutum (BR 163, km 598), Comodoro (BR 174, km 488) e Sorriso (BR 163, km 748). No Rio Grande do Sul, ocorreram bloqueios parciais em Palmeira das Missões (BR 469, km 0) e Ijuí (BR 285, km 458).

No início da manhã de segunda-feira (27), no entanto, a Polícia Rodoviária Federal informou que não havia mais manifestações de caminhoneiros no estado. Os caminhoneiros reivindicam a criação de uma tabela de preço mínimo do frete. Segundo o Ministério da Justiça, a Polícia Rodoviária Federal, a Força Nacional de Segurança Pública e as polícias estaduais estão de prontidão para garantir o adequado fluxo de veículos nas rodovias.

É a segunda vez este ano que os caminhoneiros protestam por meio de bloqueios em rodovias. Em março, a manifestação durou 12 dias. Na semana passada, os protestos foram retomados.

Máquinas paradas em siderúrgica de Marabá (PA) preocupam setor

27/04/2015 - Fonte: CIMM

As máquinas paradas no polo siderúrgico de Marabá, no sudeste do estado, estão preocupando moradores, autoridades e trabalhadores do setor. Um dado alarmante se refere ao número de empregados, que caiu de 10 mil para 300 operários.

O complexo foi criado no fim dos anos 80, para transformar minério de Carajás em ferro gusa, a principal matéria prima do aço. Na época, 10 empresas se instalaram.

"O movimento era muito grande, ônibus saindo, ônibus chegando, carretas e carretas. Muita gente na guarita atrás de emprego e o patrão não dizia não, só dizia sim", diz o metalúrgico desempregado Neto Lima.

Nos últimos seis anos, nove fecharam as portas. Uma demitiu 800 trabalhadores em 2015. "Meu encarregado falou que estava tendo redução", diz o trabalhador Elisvan Vieira, também desempregado. "O pior de tudo agora é tantos trabalhadores a mercê. O que eles sabem produzir é ferro. Onde vamos colocar esse pessoal?", questiona Neiba Dias, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Pará.

Segundo analistas, a decadência no setor se deve a duas razões: a primeira foi a crise financeira mundial de 2008. Os Estados Unidos, principal comprador do ferro gusa

paraense, reduziu drasticamente as importações, passando a produzir aço com sucata e, com isso, as exportações para os norte-americanos caíram 80%.

A alternativa era concentrar as vendas para a China, mas os asiáticos também investiram na produção de matéria prima por conta própria, abrindo mão da produção paraense. Em 2014, as exportações para os chineses despencaram para 0.

Além do fator econômico, as siderúrgicas ainda enfrentaram graves consequências por cometerem crimes ambientais. Em 2011, o Ibama multou as três maiores empresas do polo industrial em R\$ 284 milhões.

Segundo o Instituto, o carvão vegetal usado por elas veio de áreas de desmatamento ilegal no Pará. Além do prejuízo com as multas, as companhias só poderiam voltar a funcionar se usassem carvão de reflorestamento.

Apenas uma delas fez essa mudança e hoje está na ativa. A indústria reconhece que a produção sustentável de carvão nunca foi uma preocupação no polo.

"Os empresários foram convidados a vir, incentivados a instalar, investir na região, porém não se colocou isso como condição na época. Se tivesse sido colocado como planejamento, ordenamento da atividade, não tenho dúvida que o cenário era outro.

As indústrias teriam suas fontes de matéria prima para poder gerar o carvão de forma sustentável e legalizada", afirmou o membro do Conselho de Meio Ambiente da Fiepa, Deryck Martins.

Segundo o Governo do Pará, parte dos trabalhadores demitidos pelas guseiras poderá ser aproveitada em duas fabricantes de aço em Marabá que estão ampliando a produção e devem gerar mais de mil empregos diretos até o fim deste ano. Sobre o polo de ferro gusa, a recuperação é mais difícil.

"Se o estado tem insistentemente debatido, dialogado, e até incentivado que as indústrias possam ter suas florestas plantadas, e aguardar um bom momento no mercado internacional para que as empresas possam retornar, mas não podemos depender de uma só atividade somente.

O estado está apoiando no que for possível para que a gente possa ter outras atividades em Marabá", afirmou o secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia, Adnan Demacki.

Associações da América e da Europa apresentam um documento crítico da "nova" política siderúrgica chinesa

27/04/2015 - Fonte: Instituto Aço Brasil

Oito instituições nacionais e regionais representantes da indústria do aço na América do Norte, Europa e América Latina apresentaram hoje frente ao governo da China sua preocupação com a proposta de uma "Política de Ajuste 2015" à estratégia siderúrgica desse país, que foi divulgada em março passado.

Considera-se que a proposta não aborda questões fundamentais como a sobre capacidade existente na China, o desequilíbrio comercial que isso causa no nível mundial e a subsequente continuidade da supervisão e apoio financeiro do governo à sua indústria siderúrgica.

A Associação Norte-Americana do Ferro e do Aço (AISI), a Associação de Fabricantes de Aço de Canadá (CSPA), a Comissão de Importação de Canos e Tubos (SCIT), Associação

do Aço da Europa (Eurofer), a Associação Latino-Americana do Aço (Alacero), a Câmara Nacional da Indústria do Ferro e do Aço do México (CANACERO), a Indústria de Aços Especiais da América do Norte (SSINA) e a Associação de Fabricantes de Aço (SMA), concluíram no documento apresentado que a "Política de Ajuste 2015" continua a refletir uma abordagem vertical e dominado pelo Estado para as reformas da indústria do aço - mantendo conseqüentemente um ambiente onde não se aplicam as forças de mercado.

Na perspectiva destas associações, "a única forma de atingir os objectivos estabelecidos pela Política é eliminar a interferência e os subsídios governamentais e permitir que as forças do mercado ditem os resultados da indústria".

Faça o download do documento completo [aqui](#). Para mais informações entre em contato com o Departamento de Comunicação da Alacero: comunicaciones@alacero.org.

Após crise na cúpula, Volkswagen encara desafios

27/04/2015 - Fonte: Wall Street Journal

Durante anos, Piech comandou a gigante alemã fundada por seu avô. Mas, em uma reunião convocada às pressas com outros membros do conselho na propriedade de sua família, em Salzburgo, na Áustria, ele não só falhou em angariar apoio para sua campanha para derrubar o diretor-presidente da Volks, Martin Winterkorn. Ele próprio acabou sendo alvo de críticas.

Nove dias depois, um dos empresários mais célebres da Europa do pós-guerra acabou anunciando de forma dramática que deixaria a empresa que ajudou a reconstruir.

A batalha pública no conselho distraiu a cúpula executiva e a força de trabalho da montadora num momento em que a Volkswagen vem perdendo gás em seus esforços para ultrapassar a Toyota Motor Co. 7203.TO -0.87% e a General Motors Co. GM +0.11% como a maior fabricante mundial de automóveis.



Piech é neto de Ferdinand Porsche, o engenheiro e designer que desenvolveu o icônico Volkswagen Beetle, o Fusca, e o carro esportivo Porsche. Piech passou mais de 25 anos à frente da Volkswagen, como diretor-presidente e presidente do conselho de supervisão.

Com a saída de Piech, no sábado, a Volkswagen terá pela frente duas semanas de incerteza antes de sua assembleia anual de acionistas, em 5 de maio, quando um novo presidente do conselho será nomeado para substituir o presidente interino Berthold Huber.

Depois disso, a montadora alemã enfrentará grandes desafios para recuperar as vendas em queda nos importantes mercados dos Estados Unidos e China e cortar os custos elevados na Europa.

A batalha em Salzburgo, como a imprensa alemã tem chamado a tensa reunião, juntou seis homens que se dobraram aos desejos de Piech durante anos. Desta vez, a história foi diferente.

Bernd Osterloh, líder sindical que representa os trabalhadores da Volkswagen na Alemanha e que muitas vezes apoiou Piech em batalhas passadas, abandonou o presidente. Stephan Weil, o primeiro-ministro socialista do Estado da Baixa Saxônia, que detém uma participação minoritária na empresa e tem poder de veto, apoiou Winterkorn, o diretor-presidente em apuros. O primo de Piech, Wolfgang Porsche, recusou-se a apoiá-lo.

Piech cedeu, concordando em manter Winterkorn. Logo depois, acionistas importantes e outras partes interessadas alertaram Piech que tinham perdido a confiança nele como presidente, informou o conselho no sábado.

Piech renunciou imediatamente a todas as suas funções na empresa. A esposa dele, Ursula, também renunciou. Isso torna Porsche o principal representante da família no conselho da Volkswagen.

O conselho de supervisão da Volkswagen se equilibra entre dez representantes do sindicato dos trabalhadores e dez representantes dos acionistas. O presidente do conselho detém dois votos para desfazer qualquer empate, se necessário.

Na batalha sobre o futuro de Winterkorn, o Estado da Baixa Saxônia se uniu à força sindical. Ao fazê-lo, o primeiro-ministro Weil virou a balança em favor dos trabalhadores e reafirmou o poder do Estado no conselho.

Porsche agiu rápido para tranquilizar a direção e os trabalhadores da empresa após a saída repentina de Piech. "Temos total confiança nos gestores da Volkswagen AG", disse ele em um comunicado, acrescentando que a família continuará a desempenhar um papel de apoio como principal acionista da empresa.

Piech ainda é um grande investidor na Volkswagen e mantém um assento no conselho da Porsche Automobil Holding SE, PAH3.XE +3.63% a firma de investimento que administra o patrimônio das famílias Porsche e Piech.

A Porsche SE controla 51% das ações com direito a voto da Volkswagen e é em si resultado de uma briga de família anterior. Há alguns anos, a Porsche AG tentou empregar seu poder financeiro para comprar a Volkswagen, que é muito maior, usando dívida e instrumentos financeiros para acumular ações da montadora. O plano implodiu e Piech resgatou o primo Porsche, ao permitir que ele definisse os termos da integração dos negócios da família sob o mesmo teto.

Mas como a Porsche era mais valiosa que a Volkswagen, a família imediata de Porsche ficou com uma fatia majoritária da Porsche SE. A fabricação dos veículos Porsche foi integrada à da Volkswagen, que ficou com o controle administrativo das duas, e Piech assumiu a presidência do conselho. Ele não pôde ser contatado para comentar.

Seja quem for que emergir como presidente, Osterloh e Weil vão querer um compromisso de proteger os empregos da Volks na Alemanha — a maioria dos quais na Baixa Saxônia. Piech deixou a empresa, mas os problemas que ele expôs continuam.

Alguns analistas calculam que Winterkorn agora será mais dependente do apoio do conselho de trabalhadores para manter o cargo, o que torna menos provável que ele faça uma reestruturação dura para aumentar o lucro da marca Volkswagen.

“É difícil imaginar que vai haver uma nova orientação estratégica na marca principal da Volkswagen sob tal constelação”, diz Ferdinand Dudenhöffer, diretor do Centro de Pesquisa Automotiva em Duisburg-Essen.

A maior parte dos lucros do grupo vem das marcas Audi, Porsche e Skoda e da marca Volkswagen na China. Winterkorn não foi capaz de estancar as perdas da Volks nos EUA e a economia de emergentes como Brasil, Índia e Rússia piorou, enfraquecendo ainda mais a marca Volkswagen. Na China, a Voks reconhece que não oferece modelos nos segmentos mais aquecidos: carros populares e utilitários esportivos